

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

LISBOA

29, Rua das Gaveas, 31

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Severino Svendsen — Vianna da Motta — Rousseau — Manuel Tavares d'Oliveira — Chronica Portuense — Carta d'Alcobaça — Concertos — Noticiario — Bibliographia — Necrologia.

SEVERINO SVENDSEN

Este illustre compositor sueco nasceu em Christiania a 30 de Setembro de 1840, e teve como primeiro guia e instructor musical a seu pae, que lhe deu noções de theoria e o amestrou no estudo e pericia do violino, o instrumento predilecto do futuro compositor. Tendo obtido no anno de 1863 um subsidio do rei da Suecia, poude completar e prefazer a sua educação musical no conservatorio de Leipzig, no qual se demorou por espaço de quatro annos, aproveitando maravilhosamente as raras faculdades das eminentes illustrações do professorado do mesmo, cujos nomes, Ferdinand David, Hauptmann, Richter e Reinecke, entre outros, são o mais completo elogio que se possa tributar-lhes.

havendo terminados os estudos, publicou como primeiras composições um quartetto d'instrumentos d'arco op. 1; um quintetto, e symphonia para orchestra, que entre varias outras produções contemporaneas, e que attestavam a sua insaciedade de produzir, e afirmar brevemente a individualidade propria, foram muito bem aceites, e recebidas com inequivocas provas de consideração pelo mundo musical.

Afóra a sua originalidade indiscutivel, revelam as produções de Svendsen um elevado cunho nacional e local, caracteristico do meio patrio do author.

Por 1868 emprehendeu a sua primeira viagem a Paris, d'onde voltou pouco depois a Leipzig, occupando n'esta cidade, em que os seus meritos eram bem notorios, um lugar de maestro.

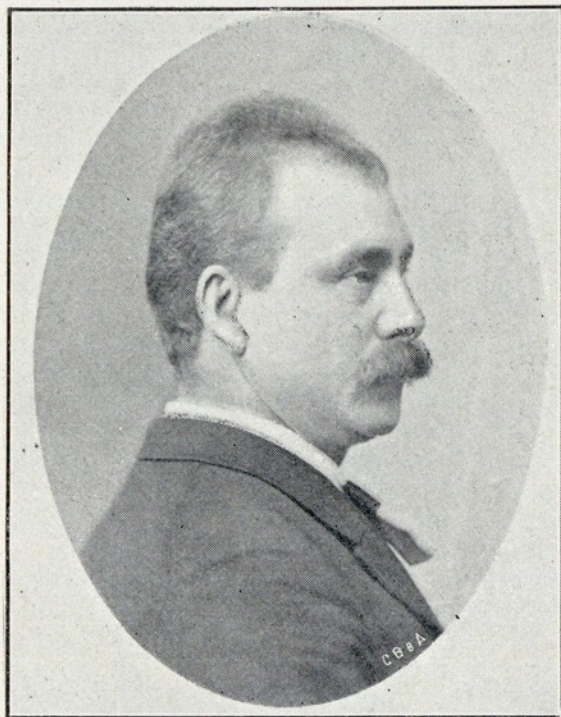
Visitou Roma em 1877, e no anno seguinte a metropole ingleza, e d'esta ultima capital partio a fixar residencia na sua cidade natal de Christiania que desde 1883 lhe conferio o cargo de maestro director da Capella da Corte de Suecia.

Nas suas innumeras composições encontram-se exemplares de todos os generos e estylos musicaes, excepto de opera lyrica, genero que nunca tentou escrever.

Entre as suas produções de musica de camara para instrumentos avulta um notabilissimo

ottetto d'arco; concerto para violino; um outro para violoncello, e varios quartettos d'arco. Quatro rhapsodias para orchestra, sobre melodias genuinamente nacionaes, acolhidas com o maximo successo por nacionaes e extranhos, contribuiram bastante para assegurar os creditos de Svendsen, que é sem duvida o primeiro compositor moderno da sua patria, como Grieg o é por seu turno da Noruega.

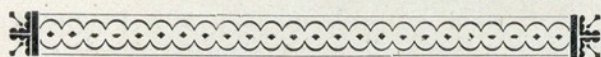
Svendsen sem abordar o genero melodramatico, tem composto todavia grande nu-



mero de melodias para canto, com acompanhamento de piano, e essas suas produções, aliás menos conhecidas no estrangeiro, são e tem sido alvo do mais lisonjeiro acolhimento entre os seus compatriotas, que o estimam e veneram como uma das mais puras e respeitáveis glorias nacionaes.

Talvez por essa profunda afeição de que se vê objecto, o distincto musico renunciou ás excursões artisticas, que empreendeu com successo no periodo da sua maior pujança de vida. Estimado e considerado por egual, na sua patria, Svendsen parece que se julga plenamente recompensado no meio da sua obra, e da missão que a Arte lhe impuzera.

V. F. B.



VIANNA DA MOTTA

Commentarios

Quando ainda allemães e italianos se contentavam de transcrever o estylo vocal ao piano, e se limitavam a *adornal-o* (por assim supprir o prolongamento do som), os inglezes possuíam já um estylo proveniente da propria natureza do piano.

As obras de Wiliam Byrd (1540-1623) e de John Bull (1563-1628) são notaveis como technica e frescura de tom.

N'aquelle tempo as variações eram apenas duplas; o thema ficava quasi intacto e somente variavam as outras partes com figuração movimentada.

Em França cêdo se cultivou a *Suite*, originaria d'aquelle paiz. Chambonnières (morto em 1760) recebeu-a dos compositores alaudistas escrevendo como esses *Sutes*, compostas de varias dansas n'um mesmo tom. Geralmente eram *Allemandes*, *Courantes*, *Sarabandes* e *Gigues*, e entre as duas ultimas introduziram-se tambem algumas outras dansas.

Luiz Couperin é outros, cultivaram este genero. porem Francisco Couperin (o grande) sobrinho de Luiz (1668-1733) sobrelevou a todos. Põe de parte o titulo das dansas e emprega outros indicativos da ideia que o inspirou. Ora produz retratos: (La Galante, La Magestueuse); ora imita movimentos e sonoridades: (Le Bavolet flotant, Les Cloches de Cythere; ora ainda debuxa sentimentos: (Les Regrets, Les Charmes). A sua musica é distincta e elegantissima, e na maneira como trata o piano devem principalmente admirar-se os effeitos variados que sabe encontrar.

Rameau (1683-1764) escreve no mesmo estylo de F. Couperin, mas deixou-se in-

fluenciar pelos italianos, em especial por Domingos Scarlatti de quem tomou o jogo das mãos cruzadas. Na sua *Gavotte variada* afasta-se já das duplas, apresentando verdadeiras variações baseadas sobre o mesmo thema. Encontra-se já na musica de Rameau notavel vigor.

O compositor mais genial da epocha é porém o já citado D. Scarlatti, de Napoles (1683-1757).

E' na sua musica que desponta originariamente a forma da primeira parte da nossa *Sonata*. As suas composições constam geralmente de duas partes, cuja primeira termina com a *dominante*: a segunda faz uma modulação para volver á *tonica*, e termina pela repetição do final da primeira parte, d'esta vez na *tonica*. D'elle tomou Ph. E. Bach os elementos de composição das suas Sonatas.

Scarlatti chamava ás suas peças *Sonatas*, porem n'aquelle epocha esse nome apenas queria significar trechos de tocar (sonare) assim como aos de canto se chamavam *Cantatas*.

Os numeros escolhidos nos nossos programmas foram-n'o consoante o seu caracter intrinseco, por Tausig e Bulow.

A musica de D. Scarlatti é espirituosa, ridente como o sol que illumina a Italia e despede fulgurações de singular brilho. Os proprios numeros melancolicos (como as *Pastorales*) são cheios de graça. A sua technica é muito rica e variada.

Somos chegados ao colossal J. S. Bach (1685-1750) um dos maiores e porventura o mais poderoso musico que tem existido.

Cultivou elle todas as formas do seu tempo elevando-as á perfeição maxima. Afigura senos como o ponto final grandioso da epocha da polyphonia musical. Porém é tão audaciosa a harmonia, quanto inexgotavel de riqueza a melodia; o rythmo tem um tão grande poder plastico que Bach é não só a *promessa do porvir*, como o percursor natural de Beethoven e Wagner. Domina todos os campos da expressão, os sentimentos mais intimos e as situações ultra-dramaticas. Escreve a graciosa *Fuga em dó sustenido maior* e a *Paixão de Christo*. Outros trechos, como os *Preludios em mi bemol maior* e em *si bemol menor* são meditações talmente profundas que poderiam dizer-se d'alta philosophia musical. A sua polyphonia é complexa, mas sempre clara e nunca artificial. Reune á maxima arte a maior intensidade d'expressão.

O concerto italiano é como o *avô* da Sonata, pelo agrupamento das partes, como das composições de Scarlatti pelo aggregado dos themas.

Alexandre Scarlatti (1659-1725), pae de Domingos, escrevia a abertura das suas operas em tres partes: Allegro-andante-allegro (repetição do primeiro). Os violinistas adoptaram esta forma para os seus concertos. O grande Bach tanto se agradou d'ella que transcreveu dezeseis concertos de Vivaldi para piano e compoz elle proprio concertos de violino, que em parte transcreveu depois para piano. O concerto em *estyllo italiano* (pois que essa forma é originaria d'Italia) não tem acompanhamento; comtudo a alternativa de *Tutti e Solo* está bem caracterizada.

Ph. E. Bach applicou a forma ternaria ás Sonatas. A Sonata provem pois do antigo Concerto, e o que então tinha aquelle nome não passava de uma serie de trechos sem numero prefixo, differenciando se todavia da *Suite* verdadeira, por não comportar peças de dansas. (Como atraz vimos as Sonatas de D. Scarlatti são de genero especial). A importancia de Haendel (1685-1759) reside muito mais na sua musical vocal do que na instrumental. Não obstante, são notaveis as *Suites* para piano. Tratou as variações de modo já bastante livre, sem comtudo lhe mudar o tom e o movimento.

Musica moderna

Até Beethoven (1770-1827), Ph. E. Bach (1714-1786) é considerado o progenitor da musica moderna, pois que abandonou definitivamente o *estyllo polyphonic*.

Desde então domina o *estyllo homophonic* caracterizado pela *melodia acompanhada* e no qual deixa de ser obrigatorio o emprego de certo numero de vozes.

Foi elle quem primeiro designou as *mãos* simplificando a tarefa do pianista.

As Sonatas que deixou todas divididas em tres partes, são notaveis pela forma como já dissemos. Desenvolveu a *forma* de Scarlatti, ampliando-lhe os *themas*, bem como a repetição que faz da primeira parte, inteiramente, ao passo que Scarlatti apenas repetia a segunda metade da primeira parte. Desconhece ainda o *segundo thema*. Foi seu irmão Joh. Christian Bach (1735-1782) quem teve primeiro essa idea.

Haydn e Mozart acceitaram promptamente essa forma que se tornou typica para todas as grandes obras musicas: a *simphonia*, o *quartetto*, etc.

Beethoven elevou-a a tal perfeição que depois ninguem mais ousou mudar-lhe ou aggregar-lhe qualquer pequena cousa. Deu ao segundo thema um character formando contraste com o primeiro de modo a resultarem duas personalidades distinctas, e es-

treitar a unidade psicologica das differentes peças por modo que as suas Sonatas formam um organismo em que cada membro é necessario sem que possa desligar-se dos demais. A forma de Sonata beethoveniana pode graphicamente descrever-se assim:

(Primeiro Allegro)

- I } 1 — Primeiro thema
 } 2 — Segundo dito (Dominante do tom maior, tom maior correspondente se a tonica é menor)
- II — Trabalho thematico com o material da primeira parte.
- III } 1 — Repetição de I—o segundo.
 } 2 — Thema na tonica.

O *Adagio* toma geralmente a forma do *lied*:

- A—tonica
 B—dominante
 A—regresso á tonica

Quando o final é em *Rondó* toma a seguinte forma:

- A
 B—dominante
 A—C—A
 B—tonica
 A—coda

Em lugar do *Minuetto* introduzido por Haydn, Beethoven inventou o *Scherzo*, trecho de sabor humoristico em que o seu genio se compraz em sublimes liberdades de fantasia.

Isto pelo que toca á *Sonata*. Prosigamos seguindo o fio interrompido.

Haydn (1732-1809) teve grande merito no desenvolvimento da *Sonata* mas as suas variações em *fá menor* sobrelevam as outras suas obras de piano.

A forma é um *unicato*. Existem dois *themas*, um em menor, outro em maior que se alternam.

Outra novidade é a *coda* que dá ao trecho base mais solida do que a das duplas.

As obras mais notaveis de Mozart (1756-1791) para piano são os seus Concertos e a primeira fantasia em *do menor*. Liberdade na modelação, intensidade de sentimento e vida dramatica dão a essa obra imperecível um extraordinario valor. O genio, «combinação de luz e de amor» segundo a expressão de Wagner, orça aqui pelo misticismo.

Bomtempo (1775-1842) o compositor portuguez de piano, mais importante, tem n'este ponto cabimento pelo seu *estyllo ao modo* d'Haydn.

Parece que pouco conhecimento teve de Beethoven; o que não deve extranhar-s

pois que tendo vivido em Paris e Londres nos annos de 1806-1820, depois residiu em Lisboa até á morte. E n'essa epocha a celebridade de Beethoven não ultrapassava as fronteiras d'Allemanha.

Bomtempo compoz Sonatas muito notaveis. Asua melodia tem character nobre; a forma perfeito equilibrio; a technica interessante em extremo. Por todos esses requisitos tem jus á nossa attenção.

Beethoven- (1790-1827) é uma individualidade tão universal e vigorosa como Bach. Assim como este, desenvolve as formas da sua epocha: *Sonata, Symphonia, Quartetto* até ao limite da perfeição, e com identica authoridade fecha tambem uma epocha grandiosa. Todas as formas sob o seu influxo genial se constituem organismos. As mesmas variações, n'elle, desenvolvem uma ideia. Apesar das mutações de compasso, de tom e de harmonisação que introduz no thema, a sua obra conserva tal unidade psicologica como ainda não se encontrava em Mozart.

O character das obras de Beethoven é *dramatico*. Essa intensidade dramatica distingue-o entre todos os musicos que o precederam. Bach é o grande epico da musica.

Em Mozart o drama já se entrevê claramente. Porém em Beethoven irrompe com toda a violencia d'uma alma moderna, sem defecção ou fraqueza.

N'elle tudo é colossal. Os mesmos *adagios* encerram uma força latente.

Se acaso nos parecerem severos Bach e Beethoven devemos attribuir essa impressão a degenerescencia, que nos não permite apreciar-lhe a grandeza enorme.

A intensidade e verdade da musica de Beethoven provém de que n'elle *tudo é vida!* Como Goethe, o grande compositor só compunha quando o fogo sagrado lhe escaldava a mente.

Soffreu extraordinariamente, como poucos homens soffreram. Mas soube arrancar das proprias dores a expressão mais lancinante e profunda.

E sem embargo, esse grande martyr escreveu ainda as mais exuberantes paginas de gozo que possuímos.

Na sua nona symphonia cantou um hymno á alegria humana!

E' que havia conquistado a serenidade da resignação. A felicidade é sobreterrena.

Nas sonatas que escolhemos, admiramos Beethoven moço (op. 26); dominado pela paixão (op. 57); triumphante de força e lamentoso da sua solidão (op. 10.), finalmente com a resignação calma que já nem o *De-sejo* perturba (op. 111).

(Continúa)

J. VIANNA DA MOTTA



Rousseau

Mentiu, pagou

Do thebano Epaminondas nos deixou notado o nosso conhecido Cornelio Nepos «ser tão amigo da verdade, que nem brincando mentia.»

Chega João Jacques a Lausanna, com os seus vinte annos, e a inexperiencia d'elles por desculpa a varias tolices já commetidas.

Na algibeira nem um só *kreutzer*, na memoria seis mezes de solfejos, mal e depressa praticados com o mestre de capella Le Maitre.

Nesta pouco lisongeira e pouco promettedora situação, obrigado a comer e a dormir a *crédito* em casa do bom Perrotet, de que demonio se ha de lembrar o futuro auctor do *Diccionario da Musica*? De se inculcar não só por professor desta divina arte, mas por compositor, tambem, muito no caso de fazer ouvir aos amadores de Lausanna alguma cousa sahida da sua penna experiente e inspirada!

Aquelle que devia tomar por divisa *Vitam impendere vero*, e que em suas *Confissões*, abusando desta divisa, levou as minudencias da verdade até ao cynismo, aggravou a audaciosa mentira com a resolução de se inculcar de Paris, onde nunca tinha estado, e de anagrammizar o proprio appellido, trocando Rousseau em *Vaussore*, e ajuntando-lhe um *de Ville Neuve*, reminiscencia que lhe ficara do seu amigo Ventura, que por tal se fazia conhecer. E como em Lausanna dominava o protestantismo, o improvisado sr. Vaussore de Ville Neuve, ex-seminarista catholico em Annecy, julgou por equal, a proposito apostatar provisoriamente, mudando de culto com a mesma facilidade com que mudára de nome, e inconsciencia equal áquella com que ia prestar-se por muito seu querer, e a poder de tanta solerte mentira, ao ridiculo mais hilariante que ainda ahí se deu em espectáculo.

*
* *

Uma vez estabelecida a situação, era preciso levar-a ás naturaes consequencias. Depressa se offereceu o ensejo.

Em Lausanna residia um professor de direito excellente amator de musica, M. Treytorens, que dava concertos em sua casa, e, por consequente, poderia facilitar ao improvisado compositor occasião de revelar os seus talentos... Tratou o endemoni-

nhado João Jacques de fazer-se-lhe apresentar. Não tendo tido difficuldade em levar o illudido Professor a offerecer-lhe ensejo de se estrear n'aquella cidade, consentindo em executar com seus amigos uma composição sua, o sr. *Vaussore de Ville Neuve* metteu-se no seu quarto, e aguilhoado pela audacia da mais supina ignorancia, deitou-se a escrever *uma peça de concerto*, levando quinze dias a compôr a primorosa obra, passal-a a limpo, tirar partes e distribuil-as, tão senhor de si, e com tal constancia, como se tivera a certeza de haver produzido uma obra monumental.

«Emfim, confessa o proprio João Jacques, coisa que ha-de custar a acreditar, mas que é verdadeirissima —; para coroar dignamente esta composição sublime, rematei-a com certo minuete, por então muito em voga, e que estará ainda na geral memoria, rendilhado sobre a outr'ora tão conhecida letra :

— A loureira da Clarisse
Enganou-te?
Disfarça; não dê sorte,
Que é tolice.»

O amigo Ventura tinha ensinado esta aria ao improvisado compositor, mas com diversas palavras, João Jacques não achou nada melhor do que rematar a sua portentosa composição com o malfadado minuete, supprimindo a letra, e dando-o por obra de seu punho, tão resoluta e atrevidamente como se estivesse ludibriando os habitantes da Lua.

No dia aprasado, tomam logares os executantes. O auctor da famosa composição não foge para os confins do mundo. Pelo contrario; redobrando de audacia, mette-se a explicar a cada qual o genero do movimento, o gosto da execução, a concordancia das partes, indo e vindo de uns para outros n'uma azafama diabolica. Afinam-se, emfim, os instrumentos, e sobe o improvisado *maestro* ao estrado. Ouve-se o caracteristico repicar da batuta na estante magistral.— E' o imperativo — *atenção!* Silencio... O impostor ergue o braço com arrebanho, ao mesmo tempo que fere o tablado com o imprescindivel tacão... Uma... duas... Rompe a symphonia, e com ella o *charivari* mais medonho, de quantos a historia das attribuições da musica haja registado! Os executantes não se podiam conter de riso, o auditorio arregalava os olhos e teria querido tapar os ouvidos, mas os algozes, que queriam divertir-se a faltar, businavam com tal força, que não havia tympano que resistisse.

Pelo que toca ao malaventurado auctor

da *ingresia*, pregado ao estrado magistral pela vergonha, e suando a bom suar, lá ia continuando a ferir os ares com os compassos, animado de sem igual constancia, insensivel aos commentos que em volta d'elle se cruzavam, impiedosos e sangrentos, esperançado ainda no effeito do famoso minuete.

Mas... pobre João Jacques! Apenas os musicos começaram os primeiros compassos, da *loureira Clarisse*, eis que estoira em toda a sala uma gargalhada unisona! Ninguem pudéra conter-se; nem amadores nem auditorio, e acaba tudo por uma saraivada de hilariantes cumprimentos ao *maestro*, pelo seu excellente gosto musical e pela sua singularissima *inspiração*.— Houve, emfim, quem tivesse a crueldade de assegurar-lhe cara a cara, que o tal minuete haveria de vir-lhe a ser o mais solido fundamento da sua futura nomeada.

Corrido, e em mais lastimoso estado, do que se fôra cuberto de vergonhosos apupos o imprudente João Jacques, sahindo então daquelle estado de inexplicavel demencia que o levava a praticar com tal descaro tanta mentira junta, e a soffrer-lhe as inevitaveis consequencias, cahindo na immensa tolice que praticara, deu largas ao arrependimento, confessando tudo a um dos symphonistas que teve a caridade de ir visital-o, mas que não teve a descrição de guardar para si só quanto ouviu.

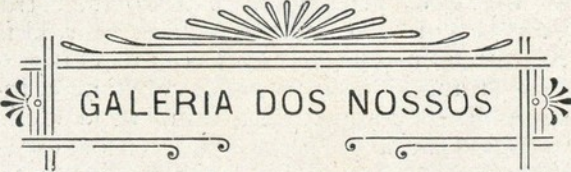
Foi assim que Lausanna teve a honra de assistir á singular estreia d'aquelle que annos depois, fazia ouvir ao primor da aristocracia franceza, Luiz XV e a Pompadour á frente, os sons encantadores d'essa harmoniosa *opera-buffa* que ficou conhecida no mundo da Arte pela denominação de — *Le Devin du Village*, e para a qual Rousseau fez a letra e a partitura em cinco a seis semanas.

Na frisa onde o instalaram, defronte do camarote real, ouvia o applaudido auctor ós murmurios de admiração e de entusiasmo que a sua obra ia excitando, e quando chegou a scena capital da opera, o auctor e as damas que povoavam os camarotes choravam, aquelle, de prazer, pelo exito alcançado, estas de ternura, tanta e tão doce impressão causava a novidade d'aquelle encantador idyllio musical.

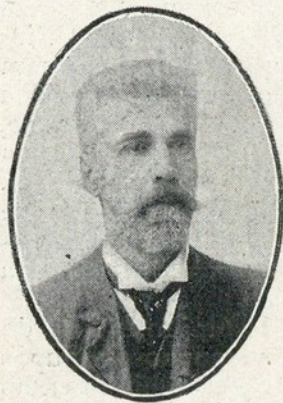
Então, n'um momento de reversão para o passado, a lembrança do concerto de M. Treytorens, em Lausanna, veiu aguarentar um instante a gloria de Rousseau. Foi breve porém, a tortura, ainda que merecida.

Não se deve mentir, nem brincando porque este máo costume paga-se, e ás vezes mais caro do que se cuida.

GOMES DE BRITO


 GALERIA DOS NOSSOS

Manuel Tavares d'Oliveira



Não é positivamente um novo o esforçado e sympathico pianista que tenho hoje a honra de vos apresentar. Desde longa data o vejo na brecha, ora a dar lições, ora a organizar e dirigir sextetos, por vezes a produzir uma que outra composição ligeira, em que não põe a menor sombra de vaidade

mas que não deixam por isso de ter um grande sabor de originalidade e de graça que não são nada vulgares cá n'este cantinho do mundo.

Não é um novo, por certo; mas em poucos novos e em pouquissimos dos que fazem da arte uma profissão, me tem sido dado vêr como n'elle, uma fr escura e um entusiasmo que nunca se desmentem e nunca se atraçoam.

Se o espaço me deixasse, havia de analysar aqui as suas qualidades de tocador e de repentista: e acato-as tanto, como obscurissimo collega, que talvez as minhas apreciações descambassem involuntariamente em longo panegyrico, com grave damno da sua intransigente modestia e quiçá com algum reparo do meu director, cuja generosidade em questões de espaço é por vezes algo... limitada.

Contentem-se pois com essas linhas os meus bons leitores. que por certo o terão ouvido innumeras vezes nas Caldas, durante o verão, ou no antigo sextetto de D. Maria, onde entre artistas de reconhecido valor, encontra a cada passo Manuel Tavares a maneira de se evidenciar brilhantemente e de chamar sobre a sua personalidade as atenções da parte culta do seu publico.

Em uma carta gentilissima com que o sr. Ernesto Maia acaba de me brindar, vem, a proposito do meu ultimo perfil, um pequenino protesto sobre a qualidade de director de orchestra que impensadamente lhe attribui.


Houve realmente confusão e quiz-me apenas referir ao facto tão lisongeiro para elle

de ter assumido a direcção suprema de um grande festival de 400 alumnos do Lyceu do Porto; que cantaram coros sob a sua regencia, com acompanhamento de grande orgão e não de orchestra, como eu suppunha.

E aproveito a circumstancia para completar o meu perfil com a seguinte indicação:

Ernesto Maia foi discipulo do fallecido Miguel Angelo e concluiu a sua educação artistica em Paris sob a direcção de Mad.^{me} Jaëll.

SCHAUNARD.


 Chronica Portuense

Os jornaes da ultima semana teem-se occupado largamente das reformas importantes que se estão realisando no theatro de S. João, como preparação para a futura temporada lyrica que deve começar em 17 ou 18 de Dezembro. Do valor das obras alludidas já eu informei detidamente os leitores da *Arte Musical*, no n.º 88, de 31 de agosto findo, nada mais havendo a accrescentar sobre tal assumpto a não ser que, pelo já concluido, se pode avaliar que o theatro offerecerá um brilhantissimo aspecto alliado ao conforto que se requer n'um theatro de opera. Como eu disse então, a plateia é completamente transformada, desaparecendo a antiga distincção de geral e superior, sendo substituidas as cadeiras antigas por outras, authomaticas, estofadas a velludo. Ora com esta transformação, é claro que seriam alterados os preços dos lugares, medida assás melindrosa nos tempos que vão correndo. Conseguiu porém, o distincto empresario D. Cesar Féreal, encontrar a maneira de harmonisar gregos e troianos com a fixação de 900 réis por cadeira de assignatura e 17500 réis, preço avulso. A resolução contentou toda a gente e é indiscutivel que lavra já um certo entusiasmo na marcação de lugares. Os preços dos camarotes, balcões e galerias, serão os mesmos dos annos anteriores. A orchestra compõe-se de 53 executantes sendo 34 domiciliados no Porto. 3 em Lisboa e os restantes 16 contractados em Madrid, Barcelona e Sevilha; é portanto muito reduzido como se vê, o numero de artistas vindos do estrangeiro, convindo notar ainda que a qualidade dos instrumentistas n'este anno é na sua maioria muito superior á da ultima temporada. Os coros são compostos de 50 figuras e o corpo de baile de 12 bailarinas.

No elenco figuram artistas de valor como Zeni, o applaudidissimo tenor do anno passado, que é um precioso Lohengrin, talvez

dos melhores da escola italiana que eu tenho ouvido; o barytono Ardito, que me informam ser um excellente artista festejado em theatros de superior cathegoria do nosso; a soprano Javelli, cantora de escola franceza; a soprano lyrico Montanari, já conhecida e muito apreciada pela sobriedade e correcção com que canta; as mezzosopranos Pozzi e Ferrari, esta ultima reconduzida tres vezes no Scala; a soprano ligeiro Occhiolini, com boas referencias no seu repertorio; o tenor Longobardi, bravissimo tenor dramatico de curta carreira mas segundo o *maestro* Mingardi que o contractou, artista de grande futuro; e o basso Sabellico que creio já ahi cantou. Ha ainda outros artistas novos e alguns mais que já aqui teem agradado, que completam uma companhia numerosa e promettedora. Contudo o publico, esse juiz supremo infantil ás vezes e caprichoso quasi sempre, é que tem de dizer se as referencias lisonjeiras que acompanham os artistas que elle ainda não ouviu, estão de accordo com a sua maneira de sentir e de vibrar; porque o nosso publico de theatro essencialmente conservador em materia musical, não renega facilmente as suas affeições consolidadas n'um largo convivio com artistas italianos, que alteram toda a essencia dos trechos, que não articulam, que respiram no meio das palavras, que atrazam ou adeantam os andamentos á sua vontade, estirando notas agudas n'um grande *élan* fingidamente apaixonado, braços erguidos na triumphal carreira do fundo do palco á bocca de scena. Um delirio!

Portanto, o empresario põe e o publico... dispõe; e eu que me comprazo na geral satisfação, faço votos para que um e outro fiquem contentes. Quanto a operas novas, parece que teremos a *Tosca* e o *Garin* do notavel maestro hespanhol Breton, cujo poema é obra de D. Cesar Féreal, o proprio empresario, cavalheiro de não vulgar illustração; que foi tambem, como é sabido, o traductor de alguns dos libretos do laureado compositor sr. Alfredo Keil. Alem d'estas operas novas para o Porto, ouvir se-ha talvez a *D. Mécia* a linda novella lyrica do meu presadissimo amigo e talentoso compositor Oscar da Silva; e se digo talvez, é porque o sr. Féreal não pode garantir desde já, que todos os seus artistas se prestem a estudar uma opera que certamente, dado o facto de ser obra portugueza, não continuará a fazer parte do seu repertorio. Todos sabem a má vontade com que os cantores italianos estudam operas a que não sejam obrigados por contracto; e por essa razão, não deve um empresario honesto, promet-

ter ao publico aquillo que não sabe se poderá cumprir. No entanto, logo que a temporada comece, procurar-se-hão remover todas as difficuldades para que os portuenses tenham ensejo de applaudir um dos seus patricios, e estamos certos que Oscar da Silva terá do nosso publico o mesmo caloroso acolhimento que aqui encontrou Alfredo Keil, a quem a cidade do Porto muito considera como é de toda a justiça. Eis o que o sr. Féreal me garantiu para corresponder ao meu interesse na execução da obra. Alem d'isto propõe se o empresario iniciar as *matinéés* ao domingo, com algumas das melhores operas, por preços baratissimos, para que os empregados do commercio, as familias modestas e todos aquellos que pela sua posição humilde e pequenos recursos monetarios, não podem frequentar o nosso primeiro theatro. O projecto, que não é mais do que a reproducção do que se faz lá fóra, encanta-me pelos excellentes resultados que pode produzir. Na nossa terra as modestas classes sociaes, quasi não conhecem um bom espectaculo de opera, e se alguma vez o ouviram foi em theatros secundarios e com tal pobreza de elementos, que não pode ter deixado no seu espirito impressão duradoura. Eu applaudo calorosamente a idéa, pelo que ella representa para a vulgarisação musical e tambem porque sempre pugnei por que a arte não seja privilegio dos ricos. E como na ultima quinzena o assumpto predominante foi o theatro lyrico ahi ficam os meus leitores, largamente informados de tudo o que por enquanto consta.

ERNESTO MAIA

CARTA DE ALCOBAÇA

Recebemos a seguinte carta do nosso prezado assignante e amigo o sr. Antonio Affonso Gomes e conforme nos é pedido, damos-lhe immediata publicidade:

Sr. Lambertini

Permitta o meu excellente amigo, que eu na dupla qualidade de assignante da «Arte Musical» e de regente da orchestra alcobacense, venha aqui dizer da minha justiça.

E' defeito velho em mim o não deixar de pugnar, e sempre do coração, pela mais nobre e sublime das artes: a «musica».

O meu amor por ella está na razão inversa da minha competencia artistica e intellectual. Mas que quer: este habito que

tem em mim fóros de lei, porque já vem de longe, obriga-me a fazer das tripas coração; permitta-se-me a rudez de phrase tão portugueza.

Vamos porem ao caso: o illustre chronista portuense o ex.^{mo} sr. Ernesto Maia, diz n'uma chronica publicada no n.º 91 do seu excellente quinzenario «A Arte Musical» que ao lado do soberbo mosteiro de Alcobaça, ouviu uma banda de musica ensaiar desafinada e incertamente, a «Danse des Bacchantes» da opera «Philemon et Baucis»; como se não fosse a cousa mais natural do mundo musical, haver incerteza e desafinação (apezar da ultima ter sido rigorosamente feita) nos primeiros ensaios de musica desconhecida para todos os executantes, no caso presente, todos amadores humildes e obscuros, mas dos mais entusiastas, e que n'estes recantos da provincia, põem toda a sua actividade e posses ao serviço de felizmente tão bõa causa.

Queria esse senhor encontrar fóra dos grandes centros, Lisboa e Porto, um grupo d'artistas que á primeira vista executassem a «danse des bacchantes»?

Que grande ambição! Louvavel por bem intencionada.

O que o sr. Maia ouviu, foi a terça parte d'uma orchestra e não banda, pois que n'este numero havia 3 violinos, 1 rabecão e duas flautas, instrumentos não uzados em banda, a não ser por excepções raras, o rabecão e flautas.

Disse acima, a terça parte de uma orchestra, e não menti, porque lhe faltavam 3 violinos, 1 víola e 2 violoncellos, amadores que a epoca balnear affastou da pratica da sua acrisolada dedicação pela musica. Ensaios assim (com limitadissimo numero de amadores) fazem-se n'estes pobres templos da arte por conservar o *fogo sagrado*.

O illustre critico nunca assistiu aos primeiros ensaios de trecho desconhecido, por amadores? Deve assistir porque é curiosissimo ás vezes vêr como se tem de começar por onde os profissionaes acabam» pela réde de arrastar» como eu lhe chamo, quero dizer: fazendo executar um trecho de principio a fim (sem sequer pestanejar) que se não comprehende facilmente, ensaiando por tentativas e por naipes de instrumentistas menos habeis, para quem a intuição é tudo e os conhecimentos nenhuns; nóte o meu amigo que isto não se dá sempre e que nem todos os amadores estão em eguaes casos, acontece porem frequentes vezes e não pouca coragem é necessaria ao regente e aos amadores mais habeis, para conseguir levar a bom termo como finalmente se consegue o que se deseja.

A orchestra em questão tem sido admirada e applaudida nas suas execuções por cavalheiros e alguns artistas de Lisboa e Porto, que conhecem e bem quanto ella executa e que não fazendo paralelos com os grupos dos grandes centros artisticos como Lisboa e Porto, reconhecem e fazem justiça á quantidade de trabalho, perseverança e amor pela arte, que vae na execução de obras como: *Scenes Pittoresques*, de Massenet, *Raymond*, *Marche de Tannhauser*, etc. Os ouvintes que applaudem estas obras não serão positivamente uns leigos, não lhe parece, meu bom amigo?

Justo seria que os illustres criticos musicaes, apparecessem por estes pequenos centros a aconselharem com a sua proficiencia os que desejam concorrer e com tão nobres intenções para a educação musical portugueza. Muito haveria a ganhar, regentes e executantes, que a critica musical passasse alem dos grandes centros, pois que nem só as grandes arvores dão sombra. Que um dos criticos fosse o illustre chronista portuense, e a orchestra alcobacense teria a maxima honra em lhe prestar a merecidissima homenagem dos seus serviços, com uma audição musical, de cujo programma fizesse parte a «danse des bacchantes» cujo ensaio tanto lhe contendeu com o seu alto espirito musical.

Se o meu bondoso amigo como intemerrato campeão de todas as questões musicaes, entender que merece as honras de publicidade no seu conceituado jornal, esta minha exposição, queira insertal-a, no que lhe fica summamente reconhecido, quem é como deve, seu muito admirador e amigo

ANTONIO AFFONSO GOMES

Alcobaça, 21 d'Outubro de 1902.

CONCERTOS

Esteve muito brilhante e concorridissimo o ultimo grande concerto em Cascaes. O programma, que fora organizado pelo eximio concertista Alexandre Rey Colaço, constava de trechos pelo sextetto hespanhol que tão superiormente dirige o distincto contra-baxista D. Luiz Gracia, de quatro formosos numeros de piano por Rey Colaço, peças de canto, de violoncello, e ainda de piano a 4 mãos.

Tomaram parte as Ex.^{as} Sr.^{as} D. Maria Emilia Macieira Lino, D. Maria Bruno, D. Adelina Rosenstok, D. Leonor Manoel, D. Carolina Sommer, e os Srs. Rey Colaço,

que ainda afóra do programma tocou mais um dos seus encantadores *fados*, Maia Cardozo, Edgard Plantier, alem do sextetto, que entre outros tocou o celebre *septimino* de Beethoven, reduzido para os seis instrumentos que o compõem.

Foi uma festa interessantissima, a que não faltaram as melhores referencias e entusiasticos applausos.

*

No Sporting Club de Cascaes realisou-se na noite de 29 a festa artistica e de despedida do sextetto hespanhol. A' ultima hora o sr. Estera foi acomettido de doença, que o privou de tomar parte n'esta interessante *séance*, sendo substituido pelo sr. Blanch, 2.º violino que executou a parte de violeta, cedendo o sr. Sala o seu logar de 1.º violino a D. Francisco Benetó, que d'esta forma não limitou a sua collaboração ao Concerto de Beethoven, executando todas as peças do programma com uma segurança e distincção que mais uma vez demonstraram as altas faculdades d'este distincto artista.

Devemos muito elogiosas referencias aos eximios artistas que compõem este sextetto e que se houveram na execução de trechos de grande responsabilidade com uma metria que applaudimos com satisfação.

Não podemos alargar as referencias que muito desejaríamos fazer a este concerto, não só porque nos falta o tempo para a noticia que desejavamos publicar n'este numero, mas ainda porque as condições da audição foram extremamente desfavoraveis para uma apreciação segura.

O publico que frequenta os concertos do Sporting não tem por certo o habito de ouvir musica muito seria, porque não lhe presta a attenção a que ella tem direito.

Para dizermos tudo, é um publico que não sabe ouvir, e é muito para lamentar que taes sessões se realizem n'um meio, que se não distingue pelo grande interesse por os divertimentos d'espírito.

Não pudemos ouvir a ultima parte do concerto, em que foram executados o concerto, de Beethoven pelo violinista F. Benetó, e a abertura do *Tannhauser* pelo sextetto; o concerto annuciado para as 9 horas começou tres quartos de hora depois, não sendo possível a um grupo de artistas e amadores que foram a Cascaes expressamente para assistir a esta festa, acompanh-a até ao seu termo.

Quando se reformarão os nossos habitos, e, tão facilmente copistas do estrangeiro, introduziremos o costume sensato e pratico de não fazer de todos os espectaculos veladas encommodissimas?

D'entre os trechos ouvidos citaremos, por muito bem executadas, algumas variações do *Septuor*.

Não concordamos com a idéa de confiar a cadencia do andamento final aos dois violinos

E' um *tour de force*, que os dois artistas venceram com fortuna, mas cheio de espinhos que não vale a pena affrontar. O pianista snr. Alvarez apresentou-se muito distinctamente nos seus numeros de solista, conquistando merecidos applausos na 2.ª *masurka* de Godard, que tocou muito bem. E por certo a impressão seria excellente nas musicas de Chopin, se tivesse a boa fortuna de dispôr de outro piano.

A abertura do *Rienzi* foi executada com grande *entrain*, e sentida expressão nos motivos tão nobres d'esta bella pagina de Wagner.

Sem a má disposição que nos causou a inquietação excessiva do publico e o atraso de tempo com que foi iniciado o concerto, trariamos d'esta audição muito agradaveis impressões.

Findamos esta breve noticia com os nossos applausos aos distinctos artistas e com os votos que fazemos para que nos visitem repetidas vezes tendo o prazer de contar-mos n'este grupo antigas e muito cordeaes relações de amizade.

NOTICIARIO

Do paiz

Regressou ha dias de S. Sebastian onde dirigio n'esta epocha a excellente orchestra de professores da Sociedade de concertos de Madrid, o distincto e reputado maestro D. Andrés Goñi, director artistico da Academia de amadores de musica.

Nos concertos realizados em S. Sebastian tomaram parte artistas como Sarasate, Bauer, Arbós, Casals, Debruoc e a celebrada cantora Miss Nielsen.

Antes de regressar a Portugal, Goñi foi hospede de Sarasate, por instante pedido do grande violinista, no seu bello chalet de recreio que elle possui em Biarritz, departamente dos Baixos Pyreneus de França.

Damos as nossas cordeaes boas vindas a D. Andrés Goñi.

Todas as pessoas que se desejem inscrever para assistir aos concertos da *Escola de Musica de Camara* poderão desde já fazelo na sede provisoria da mesma Escola, P. dos Restauradores, 44.

Conforme veiu annuciado no substan-

cioso relatório d'esta prestimosa agremiação, relatório que ainda se offerece a quem o deseje, o primeiro pagamento é de 47.000 réis, dando ao subscriptor o direito de assistir, com duas pessoas de familia, aos quatro primeiros concertos da Escola. Um segundo pagamento, de igual importancia, corresponderá ao resto da serie, que promete ser brilhante, como foi por todos os titulos a primeira.

Os antigos subscriptores tem o direito de preferencia e podem optar pela antiga forma de pagamento, isto é uma mensalidade de mil réis, paga adeantadamente.

O primeiro concerto terá lugar durante o mez de Novembro.

Na noite de 25 do corrente teve lugar, no salão de concertos do Conservatorio, uma sessão solemne sob a presidencia do Ex.^{mo} Snr. Hintze Ribeiro, para distribuição de premios e subsidios, bem como apresentação dos alumnos das secções musical e dramatica.

Apresentaram se diversos alumnos da secção dramatica entre os quaes nos mereceu reparo, pelas qualidades de dicção e sentimento, a Sr.^a D. Etelvina Serra; alguns outros de canto e entre esse faremos menção especial da Sr.^a D. Isaura Callado Nunes, e outros executantes d'instrumentos diversos, sendo este ramo o que nos fez melhor impressão, pelo aproveitamento e valor intrínseco dos alumnos, affirmando-se que não é esteril nem inutil a missão educadora do nosso primeiro estabelecimento official de musica.

A sessão fora precedida d'um discurso do Sr. Eduardo Schwalbach, director do Conservatorio, que com louvavel modestia evitou encarecer demasiado os resultados obtidos até agora, e de que aquella prova publica era a melhor affirmação.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

Alfredo Keil o nosso illustre compositor, actualmente residindo na sua encantadora e artistica vivenda da Praia das Maças, está trabalhando n'uma nova opera sobre assumpto de vulto.

Esperamos ansiosamente a nova producção do talentoso maestro da *D. Branca*, *Irene* e *Serrana*.

A direcção da «*Sociedade de concertos e Escola de musica*», sempre sollicita na missão d'apostolado musical, resolveu prolongar ainda a matricula das suas aulas.

Damos gostosamente a lista do seu bri-

lhante corpo docente. Piano—Marcos Garin; rabeça e violeta—Julio Cardona; harmonia, contraponto, fuga e composição—Frederico Guimarães; canto e solfejo individual e colectivo—Guilherme Ribeiro; rudimentos—D. Rachel de Sousa (alumnas) e José Henrique dos Santos (alumnos); violoncello e contra-baixo—Moraes Palmeiro; instrumentos de palheta—Wenceslau Pinto; francez theorico e pratico—Rodrigues Béraud.

As aulas funcionam das seis da tarde ás 10 horas da noute na sua sede—Rua da Barroca.

Regressou de Leça onde esteve veraneando e restabelecendo-se das canceiras da sua labutação o distincto professor e compositor festejado Oscar da Silva.

Tivemos o prazer da sua visita, e podemos jubilosamente constatar o seu completo restabelecimento, que lhe permite recommençar os seus trabalhos, entre os quaes o professorado é o que maior culto lhe merece e a que se dedica com ardor de pedagogo e ainda mais de fervoroso crente.

A' lista já longa das professoras de piano da nossa capital, temos hoje o prazer de juntar mais um nome, que já de ha muito respeitavamos como uma das nossas mais distinctas amadoras, e que não hesitamos em recommendar calorosamente a todos os que pretendam obter uma solida educação musical.

Referimo-nos á sr.^a D. Irene Zuzarte, cujo curso official do piano lhe deu o primeiro titulo de gloria e que alem d'essa especialidade, se propõe tambem a leccionar os rudimentos de musica, em que é competentissima.

Depois de uma larga ausencia de 14 annos, preenchidos n'uma invejavel e por vezes gloriosa carreira artistica, veiu á terra patria o prestimoso tenor portuguez Gaspar do Nascimento.

Damos-lhe as boas vindas e agradecemos-lhe a amavel visita com que distinguiu a nossa redacção.

Veiu cumprimentar-nos á redacção o distincto violoncellista D. Manuel Calvo y Burguet, que tendo terminado o seu contracto com o *Sporting* de Cascaes se retira para a sua patria.

Tanto este artista, como os seus companheiros de sextetto e o illustre violinista Benetó, da Escola de Musica de Camara, estiveram na sexta feira passada no Paço de

Cascaes, a convite de S. M. a Rainha, que como de costume os recebeu com a maior gentileza e agrado.

Tem-se como certa a vinda do grande pianista Paderewski no proximo mez. de Março.

Parece igualmente averiguado que o nosso conhecido violoncellista Pablo Casals, acompanhado do pianista Bauer, visitará a nossa capital muito brevemente.

O recente folheto que sob o titulo de *Chansons et instruments* acaba de ser publicado pelo proprietario d'este jornal recebeu as mais captivantes provas de apreço por parte de varias notabilidades musicas do nosso paiz e do estrangeiro, assim como referencias altamente lisongieras em diversos periodicos.

A todos os que por tal fórma o distinguiram está o nosso director profundamente reconhecido, esperando lhe escusem o retardo nos agradecimentos individuaes, a que só agora pode proceder por só agora ter regressado de uma demorada viagem no estrangeiro.

Os ultimos exemplares da pequena tiragem, que como aqui dissemos é inteiramente offerecida a alguns dos amigos pessoas do auctor, estão sendo distribuidos n'esta occasião.

No theatro Aguia d'Ouro do Porto realisou varios concertos um sextetto de artistas lisbonenses. entre os quaes figuravam o pianista João Ferreira e o violinista Julio Caggiani. Este ultimo, coadjuvado pelo Sextetto Portuense deu tambem um concerto no Palacio de Christal.

Do Estrangeiro

Prosegue na sua triumphal carreira a nova opera de G. Charpentier, *Louise*. Presentemente alcança em Allemanha o mesmo exito que obteve na sua patria. Em Wiesbaden onde acaba de se dar foi alvo das maiores ovações o *spartito*, bem como os dois interpretes principaes Mad.^{elle} Triebel e o tenor Joern.

A intendencia dos theatros imperiaes de Vienna pensa em estabelecer um imposto sobre os bilhetes de favor; calculando se que essa taxa, por modica que seja, produz á annualmente 50.000 francos, somma esta de que beneficiará a caixa de aposentações da *Opera*, cujo deficit de 300.000 fr. poderia assim ser extinto n'alguns annos.

Procedendo-se ao inventario do archivo da igreja de S. Pedro, em Vienna d'Austria, encontrou-se uma caixa de ferro encerrando numerosos authographos de Schubert. Entre elles estava a copia, toda escripta pela propria mão do auctor, d'uma das suas melhores sonatas, assim como diversas canções, duas das quaes ineditas. Parece que esse curioso deposito fora confiado a um amigo de Schubert, morto recentemente, o qual não teve tempo de deixar nenhuma disposições testamentarias, e que por esse motivo só o acaso podia orientar na descoberta.

O *D. Pasquale*, a deliciosa opera buffa de Donizetti, com letra allemã de Bierbaum, alcançou ruidoso successo em Francfort, ultimamente.

A nova opera de Mascagni escripta sobre um libretto de Hall Caine, e dirigida pelo proprio auctor, devia ter-se cantado no dia 6 d'outubro, no theatro d'opera de New-York.

Para a estação de inverno do *Scala* de Milão, que será inaugurada com a *Damnation de Faust*, de Berlioz, foram contratados alem d'outros os seguintes cantores, bem conhecidos do publico lisbonense:

Armida Parsi, esplendida voz de mezzo-soprano; tenores Mariacher e Zenatello; barytono Magini-Colletti. e baixo Luppi.

Cantar-se-hão *I Lituani*, de Ponchielli; *Asrael*, de Franchetti; *Oceana*, inedita de Antonio Smareglia, e *Luiça Miller e Baile de Mascaras*, de Verdi, que ha muito se não cantavem no *Scala*.

Está contratado o famoso barytono francez Renaud, da *Opera* de Paris.

O presidente da municipalidade de Napoles nomeou uma commissão, á qual incumbirá estudar os meios de restaurar e adornar condignamente a sala do famoso theatro de *S. Carlos*, que desde 1816, data da reedificação do theatro, depois do incendio que destruiu por completo a primitiva construcção, não havia recebido a menor alteração ou embelezamento.



BIBLIOGRAPHIA

Do nosso antigo assignante e querido amigo o Sr. Francisco José da Costa recebemos um interessante estudo por elle proprio col-

ligido e que trata de medicina homœopática.

Se bem que esses assumptos estejam completamente fóra da nossa orbita, não resistimos ao prazer de aqui lhe agradecer a amabilidade da offerta.

Recebemos mais os seguintes jornaes da especialidade:

Gazetta Musicale di Milano — *Summario do n.º 42* — Capricci della Cronaca — La Musica nella famiglia di Galileo Galilei — Una interessante e lodevole iniziativa a Bergamo — Prolusione ad un curso di psicologia musicale, etc.

Summario do n.º 43 — Il trionfo del maestro Franchetti — La Gita di M.^r James F. Boers attraverso l'Europa — Concerti — In giro per l'America.

La Tribune de Saint-Gervais bulletin mensuel de la Scola cantorum n.º 8-9 — *Summario* — Lettre de S. S. Leon XIII à l'occasion des assises de Bruges — La musique figurée à l'église — Les fetes de Bruges — Henry du Mont — La musique dans les églises de Paris de 1716 à 1738 — A Battons rompus — Concours Catholiques.

Revue d'Histoire et de critique musicales — *Summario do n.º 9* — Un précurseur de Gluck — Rossini — La Harpe Chromatique — La Musique des Derviches tourneurs — Exercices d'analyse — Bibliographie musicale.

Revista Musical — *Summario do n.º 10* — Nikisch — A musica — O theatro da élite e o seu futuro — Antonio Stradivarius — Hymno chinez — Chronica portuense.

Cronache Musicali e Drammatica — *Summario do n.º 26* — La Polemica Salvini-Zacconi — Adolfo Betti — Congresso di ballerini — Sarah Bernhardt conferensiera — Il «Theatre d'art international» — Teresina Franchini — Il nuovo Statuto della società degli autori lirici e drammatici — Giuseppe Villafiorita — Le prime rappresentazioni — Nel mondo delle operette — Piccole note — Cronaca Italiana — Cronaca estera.

Le Menestrel — *Summario do n.º 42* — Notes d'ethnographie musicale — Semaine theatrale — Petites notes sans portée — Mondoville, sa vie et ses œuvres. — Nouvelles diverses.

Summario do n.º 43 — La Fiancée de la mer, de Blockx au theatre de la Monnaie de Bruxelles. — Bulletin Theatral — Le tour de France en musique — Revue des grands Concerts.

Le Monde Musical — *Summario do n.º 19*

— Jean Risler — Les lieder de Beethoven — Don Giovanni — Raoul Pugno (com gravuras) — Histoire de l'Oratorio — Lettre d'un siffleur — L'œuvre de Mimi-Pinson — Theatres — Concerts — Grandes orgues.

London Musical Courier — *Summario do n.º 15* — An apostolic Succession — The Theatre — A Deviation from Accepted Classic Form.

Romania Musicala — *Summario do n.º 16* — Canto coral nas escolas secundarias — Richard Wagner — Cronica Teatrala — Emile Zola.

The Violin Times — *Summario do n.º 108* — Practical suggestions for the study of the violin — Mr. Henry S. Saunders — The case of the bott Stradivarius — His Violin — Violins and Violin collecting.

Musica — *Summario do n.º 1* — Faut il édifier une «Science du chant»? — L'orientation musicale — Un theatre de musique idéal — Ma carrière musicale — Comment on grave un morceau de musique — Les positions du pianiste — L'enseignement du piano.

NECROLOGIA

Falleceram os seguintes artistas:

Alexandre Batta (8 de Outubro) que era o unico filho sobrevivente do grande violoncellista do mesmo nome. Era tambem violoncellista e nascera em Maestrich (Paizes-Baixos) em 4 de Julho de 1816.

Ivanovici, auctor de graciosas valsas, entre as quaes adquiriu verdadeira celebridade a que tem o titulo de *Flots du Danube*. Era inspector da musica militar na Romania e tinha o posto de major do exercito.

Carlo Vicentelli (12 de outubro), distincto tenor que falleceu em Milão.

Van der Heyden, conhecido violoncellista belga, que era verdadeiramente popular em Bruxellas, onde nunca faltava a um concerto ou a uma audição musical. Foi companheiro de Vieuxtemps em muitos concertos e *tournées* artisticas.

Giuseppe Villafiorita, que foi um dos zelosos promotores da Exposição musical de Milão (1881), em que a musica portugueza occupou tambem um largo logar. Compoz algumas operas e occupou-se muito de litteratura musical no *Secolo* e *Gazetta* de Milão. Deixa duas operas ineditas.

Aloys Schmitt, mestre de capella da corte de Saxe, e compositor fecundo. E' muito conhecida entre nós uma colleção de seus Estudos op. 16. Falleceu com 75 annos.